IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2012.

Cartografia do crime em um programa policial do Rio Grande do Norte, Brasil.

Albuquerque Figueiro, Rafael y Da Silva Figueiró, Martha Emanuela.

Cita:

Albuquerque Figueiro, Rafael y Da Silva Figueiró, Martha Emanuela (2012). *Cartografia do crime em um programa policial do Rio Grande do Norte, Brasil. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-072/2

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/emcu/GH2

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

CARTOGRAFIA DO CRIME EM UM PROGRAMA POLICIAL DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL

Albuquerque Figueiro, Rafael - Da Silva Figueiró, Martha Emanuela

Universidade Potiguar - UnP

Resumen

O presente trabalho é fruto de um projeto de pesquisa intitulado "Mídia e produção de subjetividade: cartografias dos programas policiais", que buscou cartografar as linhas discursivas, produtoras de subjetividades, presentes nas diferentes reportagens veiculadas em um programa policial de grande audiência no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. A partir do método da cartografia, a pesquisa analisou o programa "Patrulha da Cidade", exibido em todo o estado do Rio Grande do Norte, durante um mês, totalizando 21 programas assistidos. Os conteúdos foram analisados e registrados em diário de campo. Os resultados apontam que a questão da drogadição é apontada como um problema de segurança pública, logo devendo ser tratado como questão de polícia, o que dificulta o entendimento deste problema como uma questão de saúde pública, estigmatizando os usuários de drogas, precarizando, com isso, os serviços oferecidos a este público. Além disso, as reportagens exibidas fazem a exigência de maiores punições e castigos para com aqueles que cometem crimes, o que colabora para a produção de subjetividades cada vez mais inseguras. Com isso, constrói-se a ideia de que a questão da criminalidade pode ser solucionada unicamente com medidas de segurança, mascarando as questões sócio-históricas, que produzem a realidade.

Palabras Clave
mídia, subjetividade, cartografia, crime.

Abstract

CRIME CARTOGRAPHY IN A POLICE PROGRAM OF RIO GRANDE DO NORTE, BRAZIL

The present work is the result of a research project titled "Media and the production of subjectivity: cartographies of cop shows," which sought to map out the lines discursive production of subjectivities, present in the various articles published in a program officer for the large audience in the state Rio Grande do Norte, Brazil. From the cartographic method, the research examined the "Patrulha da Cidade" aired throughout the state of Rio Grande do Norte, for a month, totaling 21 programs viewed. The contents were analyzed and recorded in a field diary. The results indicate that the issue of drug addiction is seen as a problem of public security, should be treated just as a matter of police, which complicates the understanding of this problem as a public health issue, stigmatizing drug users, undermining, thereby the services offered to this audience. Moreover, the reports are displayed requiring greater punishments and punishments for those who commit crimes, which contributes to the production of subjectivities increasingly insecure. This builds up the idea that the issue of crime can be solved only with security measures, masking the socio-historical, which produce reality.

Key Words:
media, subjectivity, cartography. crime.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da pesquisa intitulada "Mídia e produção de subjetividade: cartografias dos programas policiais", desenvolvida por professores e alunos do curso de psicologia da Universidade Potiguar, em Natal - RN, Brasil. O interesse em desenvolver a referida pesquisa se deu em função dos altos índices de audiência que os programas policiais vem conseguindo na mídia televisiva brasileira. Em geral, tais programas abordam questões referentes a segurança pública, veiculando reportagens sobre temáticas variadas tais como: uso e tráfico de drogas; roubos, assassinatos e outros crimes; além apresentar determinadas matérias com foco em adolescentes em conflito com a lei.

A maioria dos programas brasileiros desta natureza funcionam com um enfoque sensacionalista de determinados acontecimentos, onde o discurso e performance do apresentador representam seu ponto alto, produzindo nos telespectadores sentimentos que vão do ódio à compaixão diante das mais variadas mazelas sociais.

Levando em consideração que a mídia se configura, nos dias atuais enquanto importante dispositivo de produção de subjetividade, forjando modos de vida e maneiras de compreender certos fenômenos (Coimbra, 2001), a pesquisa teve como objetivo identificar os principais temas, e o modo como os mesmos são abordados/tratados em um programa de televisão que aborda questões de segurança pública, no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Além disso, buscou-se cartografar as linhas discursivas, produtoras de subjetividades, presentes nas diferentes reportagens veiculadas em um programa policial de grande audiência no estado do Rio Grande do Norte Brasil.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este trabalho se ancora na perspectiva teórica da análise institucional e da cartografia. Nesse sentido, podemos afirmar que a análise institucional tem como objetivo propor que os coletivos mesmos recuperem a capacidade de pensar e refletir sobre seus problemas (auto análise), assim como de propor soluções para os mesmos (auto gestão) (Baremblitt, 1992).

Com isso, a análise institucional permite uma análise das forças que compõe o social, atentando para aquilo que se coloca enquanto instituído, dado, congelando os processos de mudanças, tentando favorecer possíveis forças instituintes (que apresentam o novo, a transformação), que possam potencializar os coletivos. No sentido de cumprir com esses propósitos, de mapear as forças e movimentos

de produção de subjetividade, a proposta da cartografia se alinha as discussões apresentadas até o momento, enquanto ferramenta importante no processo de investigação.

A cartografia, antes de ser um método, se situa enquanto uma discussão metodológica, propondo uma revalorização da dimensão subjetiva em pesquisa. Nesse sentido, tem sido pensada principalmente por autores como Gilles Deleuze, Michel Serres, Felix Guattari, Suely Rolnik e Pierre Lévy, ao que se convencionou chamar de filosofia da diferença, com inegável influência do pensamento de Friedrich Nietzsche (Kirst, Giacomel, Ribeiro, Cota & Andreoli, 2003).

A cartografia, como o próprio nome indica, busca dar conta de um espaço pensando as relações possíveis entre territórios, capturando intensidades e atentando para o jogo de transformações desse espaço. A cartografia está interessada em experimentar movimentos/territórios, novos modos de existência, sempre a favor da vida, dos movimentos que venham a romper com o instituído (Kirst, 2003). Para tanto, é preciso estar atento aos discursos, gestos, funcionamento, o regime discursivo operante (Mairesse, 2003).

A partir dessa direção epistemológica, a pesquisa foi realizada no período de um mês, onde tivemos a oportunidade de assistir a todos os programas veiculados nesse intervalo de tempo. As análises se concentraram no programa "Patrulha da Cidade", exibido em todo o estado do Rio Grande do Norte. A escolha pelo referido programa se deu pelo fato de ser ele o líder de audiência naquela faixa de horário, em todo o estado. Ao todo, foram assistidos 21 programas. Os programas foram assistidos, e tiveram seus pontos principais registrados em diários de campo. Os registros permitiram produzir algumas análises, que foram divididas em blocos de conteúdos, a partir das falas do apresentador e dos repórteres do programa, permitindo a construção de um mapa cartográfico com as linhas de força presentes, descritas no próximo item deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Antes de entrarmos nas discussões deste tópico, cabe uma breve caracterização sobre o programa. Exibido no final da manhã, o programa tem tido nos últimos anos grandes índices de audiência, sendo considerado o líder nesse quesito nos dois últimos anos (2011, 2012).

Com uma proposta, apelativa e sensacionalista, a construção de determinados modos de enxergar a realidade é produzida e reforçada pelos editores, diretores e repórteres envolvidos naquela notícia, com riqueza de choros de mães que perderam seus filhos misturados com trilhas sonoras melancólicas ao fundo, mas também pela fala do apresentador. Começando por um dos bordões usado para entrar nos comerciais e que acaba por definir o programa: "não saia daí porque o bicho vai pegar".

É rotina do programa, exibir homens e mulheres presos, servindo como objeto de zombaria pelo apresentador, o que torna o programa até repetitivo. Normalmente os detidos não mostram os rostos para a câmera, não querem falar muito e dizem que não cometeram o crime, o que é negado pelo apresentador com falas do tipo: "tem coragem para assaltar, mas para mostrar o rosto não tem", "bandido armado é macho, mas quando está preso parece uma 'puta velha' ". As análises dos programas permitiram o agrupamento dos conteúdos das reportagens em dois grandes blocos principais, que serão apresentados e discutidos nos próximos tópicos.

Drogas: questão de saúde ou de polícia?

Uma questão presente de forma marcante no programa é o modo como é construída a imagem do usuário de Drogas. Se for usuário logo é vagabundo. Normalmente se cria uma linha de igualdade entre prostituição, usuários de drogas e assaltantes. Isso aconteceu no dia 1 de Novembro de 2011 em uma narração de um jornalista do programa sobre a insegurança do centro de Natal. O jornalista narrou o seguinte:

Esquinas, praças, pessoas e a noite. Um dos lugares mais visitados de Natal, por serem um dos maiores centros comerciais, sofre com a ausência da segurança. A Cidade Alta fecha suas portas durante o período noturno e alguns personagens surgem: são viciados, prostitutas, garotos de programas e assaltantes. Apesar da presença da polícia, muitos desafiam a lei e transformam o centro da cidade em um lugar inseguro.

Concordando com Silva e Moura (2008), podemos perceber que a mídia produz o seu discurso de verdade, pontuando quem deve ser vigiado, e que discursos devem ou não vir à tona. Ainda de acordo com as autoras supracitadas, vemos aqui a produção, ou reinvenção, do conceito de anormalidade, reforçado por aqueles controlam os dispositivos midiáticos.

Nesse sentido, é preciso atentar para as políticas de subjetivação contemporâneas, que produzem não só subjetividades, mas os lugares que cada sujeito deve ocupar dentro da sociedade, ou espaço urbano. A televisão, como suas imagens, trilhas, foco, comentários são forças que condicionam e reforçam comportamentos individuais e coletivos. No artigo de Luiz Ferri de Barros, temos alguns elementos que compõem o sensacionalismo:

Posso de imediato enunciar que, além da forma, contribuem para o sensacionalismo pelo menos outros quatro fatores: a) a definição dos temas (pautas), b) a intensidade emocional adotada (que poderia ser considerada como parte da forma), c) a exploração artificialmente prolongada de fatos escandalosos e, d) a natureza das emoções do público que se pretendem manipular. Uma coisa é manipular a compaixão perante o próximo em prol de causas filantrópicas, por exemplo, outra, muito diferente, é manipular o medo, a revolta ou a ira, quando não a morbidez, como é comum acontecer em reportagens policiais (Barros, 2003, p.26)

Assim, vemos o fenômeno da drogadição ser estigmatizado, o que dificulta, muitas vezes a efetivação de políticas públicas de saúde, afastando os usuários dos serviços a eles destinados. Além disso, as reportagens analisadas exigem posturas severas do poder público para com aqueles que transgridam as leis, tema que será tratado no próximo tópico.

Mais punição, mais castigos: soluções para a questão da criminalidade?

Durante o processo de investigação foram encontrados diversos pedidos de maior punição para os que cometiam crimes, mudanças na legislação para o aumento das penas como única forma de resolução das questões sociais. Em seguida serão apresentados alguns discursos do programa que apresentam essa perspectiva

punitiva.Esse caso foi transmitido no dia 01 de novembro de 2011, relatando a participação de F. I., em um assalto. O mesmo fala que já foi preso por tráfico de drogas. Na citação abaixo, o apresentador comenta sobre o caso:

O meu conterrâneo, Mossoró, você passou pouco tempo preso, só um ano por tráfico de droga. Porque é aquilo o que eu falo muito aqui: a nossa legislação, as nossa leis são muito brandas. O camarada é pego com 2 kilos de maconha, 48 pedras de craque, com não sei quantas gramas de cocaína, aí o cara vai preso, condenado, é julgado, condenado, aí fica por um e ano e saí porque tem bom comportamento.! Enquanto não mudar nossas leis, nossa legislação, nós vamos continuar mostrando todo santo dia esse monte de notícia ruim que a gente mostra. Essa é a realidade!.

Em outra oportunidade, o apresentador inclui, novamente, em seu discurso o acréscimo de policiais na rua como única forma para combater a criminalidade:

A gente precisa realmente de um policiamento de mais efetivo, não é de um policiamento mais ostensivo, a gente sabe, temos um policiamento ostensivo, mas são poucas as viaturas, são poucos os policiais, nós precisamos de trazer mais, pelo menos só pra Natal, só pra natal agora de imediato pelo menos uns 2000 policias, é verdade! Para a gente acabar com essa onda de assalto.

Concordamos com Cecília Coimbra ao afirmar que a mídia figura como um dos elementos que compõem o dispositivo da criminalidade, produzindo em nós medo e insegurança (Coimbra, 2001), forjando assim determinadas subjetividades, amedrontadas, inseguras. Segundo a autora, o dispositivo seria um conjunto de elementos que compõem os discursos dominantes sobre a questão da criminalidade em nosso país. Não podemos deixar de atentar para os efeitos que o dispositivo da criminalidade, potencializado pela mídia, produz em todos nós, que não cometemos crime algum e provavelmente nunca entraremos em uma unidade prisional. Falo da produção em nós, de um modo de operar, de uma subjetividade que deseja, cada vez mais, a punição e o castigo. Segundo Verani (2010), "(...) as pessoas querem punição, querem mais cadeia. Quando vemos pesquisas de quais são as reinvindicações sociais, é mais cadeia, mais pena, construção de mais presídios, segurança máxima, supermáxima. Isso é um absurdo" (p. 21).

Nesse sentido, vivemos um momento onde se reinvindica cada vez mais castigos, muito da além de nossa suposta humanidade, porém pouco se fala a respeito de um projeto de sociedade, mais justa e igualitária. Ao produzir o medo e a insegurança em nós, telespectadores, a mídia colabora para que deixemos de lado discussões de caráter mais amplo, tais como políticas públicas, desigualdades sociais e direitos humanos, temas que atravessam, inevitavelmente, a questão da criminalidade na América Latina.

Em outra ocasião, o programa apresenta o caso de um jovem que assaltou um policial e logo foi morto por este foi transmitido pelo programa, contando com mais um discurso do apresentador, simplesmente colocando o atode punir, matar essas pessoas, como algo absolutamente normal:

Aí ontem lá no Panatiz foram assaltar outro policial militar que reagiu, graças a Deus foi ágil, preparado e conseguiu matar um dos elementos, não pode nem chamar elemento, por que é um menor de idade, não pode nem chamar, mas a verdade é essa, se a moda pega e vocês que costumam praticar assaltos, ou vocês que são adolescentes infratores, que eu não posso dizer menor de idade, tem que dizer infrator, adolescente infrator, vocês que costumam praticar isso aí, se a moda pega ... Tenho é pena.

Esse tipo de produção subjetiva se constitui enquanto importante problemática, atrelada às questões de segurança pública, por dificultar que se encare o fenômeno do encarceramento contemporâneo com um olhar crítico. É esse desejo de punição que produz, por exemplo, o discurso de que a luta pelos direitos humanos é o mesmo que defender bandidos. Como já sinalizado em outros momentos deste texto, a mídia ocupa aqui um papel central (Coimbra, 2001), construindo a ideia de um criminoso enquanto pecador, e produzindo em nós uma "subjetividade punitiva que está pedindo o tempo todo mais castigo" (Batista, 2010, p. 30). Nesse sentido, concordando ainda com Batista (2010), "precisamos da desconstrução desse dogma do castigo, não só na prisão, mas também na educação, na família, na saúde, na cidade" (p. 32), produzindo assim, outras subjetividades, capazes de uma reflexão sobre as condições sócio-históricas da criminalidade e exclusão social e, sobretudo, subjetividades desejosas pelo aos direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou cartografar alguns elementos que compõem um dos programas policiais de maior audiência do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. As questões apresentadas, apontam para a associação da questão da drogadição à questão da anormalidade e periculosidade, devendo ser tratada como questão de polícia, e não de saúde. A produção de sujeitos anormais, perigosos e possuidores de uma índole ruim, se confira enquanto importante estratégia de segregação e exclusão social. Além disso, há um intenso apelo à punições mais severas, castigos e leis mais rigorosas como modos de solucionar as questões relacionadas a violência urbana.

Nesse sentido, é importante retomarmos uma postura crítica enquanto cidadãos, e principalmente enquanto psicólogos sociais. Ao lidarmos com essa dimensão subjetiva da realidade (Bock e Gonçalves, 2009), devemos ser capazes de produzir transformações, inquietações, afirmação da vida. Uma das maneiras de fazer isso é denunciando as estratégias contemporâneas de violência e extermínio subjetivo, operadas pelos mais diversos dispositivos. Ressaltamos aqui o papel da mídia, mas é mister atentar para os mais diversos elementos que compõem nossos cotidianos, permitindo que se construam certas realidades e não outras. Que realidade queremos construir?

Bibliografía

Barros, L. F. (2003). O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas conseqüências. Rev. CEJ. Brasília, 20, p. 23-29.

Baremblitt, G. F. (1992). Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.

Batista, V. M. S. (2010). Mesa- Estado Penal e funções do cárcere na contemporaneidade: produção de subjetividade e de criminalidade. In.: Conselho Federal de Psicologia (2010). Atuação do psicólogo no sistema prisional. Brasília: CFP

Bock, A. M. B. e Gonçalves, M. G. (2009). A dimensão subjetiva da realidade. São Paulo: Cortez.

Coimbra, C. M. B. (2001). Mídia e produção de modos de existência.

Psicologia: Teoria e pesquisa, 17 (1), p. 1-4.
Mairesse, D. (2003). Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T, M. G. (org) (2003). Cartografias e Devires: A Construção do Presente. (pp. 259-272). Porto Alegre: EDUFRGS.
Kirst, P. G. (2003). Redes do Olhar. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T, M. G. (org) (2003). Cartografias e Devires: A Construçao do Presente. (pp. 43-52). Porto Alegre, EDUFRGS.
Kirst, P. G., Giacomel, A. E., Ribeiro, C. J. F., Costa, L. A. & Andreoli, G. S. (2003). Conhecimento e cartografia: Tempestade de possíveis. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T, M. G. (org) (2003). Cartografias e Devires: A Construçao do Presente. (pp. 91-102). Porto Alegre: EDUFRGS.
Silva, M.P. e Moura, C. B. (2008). Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas. Estudos feministas, Florianópolis, 16 (3), 841-855.
Verani, S. S. (2010). Mesa- Estado Penal e funções do cárcere na contemporaneidade: produção de subjetividade e de criminalidade. In.: Conselho Federal de Psicologia (2010). Atuação do psicólogo no sistema prisional. Brasília: CFP.